

**UM PROFESSOR DE SOCIOLOGIA EM MOVIMENTO:  
ENTREVISTA COM LIER PIRES FERREIRA<sup>1</sup>**

Carlos Eduardo Oliva<sup>2</sup>

Geovanna de Sousa Coelho

Nicole Christine Costa Ferreira

Matheus Canhim Rozendo

Vitória Gabriela Gomes Mendes

**RESUMO:** Entrevista realizada no âmbito do projeto de iniciação científica *Memória da Educação em Direitos Humanos no Colégio Pedro II*, realizado junto ao LAEDH – Laboratório de Educação em Direitos Humanos do CPIO e apoiado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGEC) do CPIO – com Lier Pires Ferreira, professor titular do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II, *um professor de Sociologia em movimento*: bacharel e licenciado em Ciências Sociais, também graduado em Direito, mestre em Relações Internacionais e doutor em Direito Internacional, sendo autor de diversos livros e artigos nesses campos, Lier é incansável desde seus tempos de licenciando na defesa do ensino de Sociologia na educação básica e, desde seu ingresso como professor do Colégio Pedro II, na defesa da sua consolidação como instituição de referência no ensino de Sociologia no país. Nesta entrevista, ele narra sua trajetória entre a pesquisa, o ensino e a militância pela Sociologia na educação básica, sua luta pelo projeto de construção de um livro didático

4

<sup>1</sup> Entrevista gentilmente concedida na Sala do LAEDH do Campus Centro do Colégio Pedro II em 21 de fevereiro de 2017 para gravação e transcrição no âmbito do projeto de iniciação científica *Memória da Educação em Direitos Humanos no Colégio Pedro II*, realizado junto ao LAEDH – Laboratório de Educação em Direitos Humanos do CPIO e apoiado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGEC) do CPIO. Todos os autores indicados acima estiveram presentes na entrevista, que foi, porém, conduzida por Vitória Mendes e transcrita por Nicole Ferreira.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II. Foi coordenador do projeto de pesquisa *Memória da Educação em Direitos Humanos no Colégio Pedro II* no âmbito do qual foi realizada a presente entrevista. Os demais autores são estudantes do Colégio Pedro II – Campus Centro que foram bolsistas de iniciação científica da PROPGEC-CPIO em 2016 junto a este mesmo projeto, tendo realizado ainda revisão bibliográfica sobre metodologias de pesquisa na área da História Oral (uso de entrevistas, produção de fontes, etc.), aprendido sobre operação de instrumentos de gravação e elaborado o roteiro para a condução de entrevistas como esta.

de Sociologia elaborado por professores de Sociologia do Colégio Pedro II, e destaca, por fim, os desafios atuais enfrentados pelos professores da disciplina no país após a reforma do ensino médio através da Medida Provisória 746 e a importância da pesquisa na educação básica para alunos e professores em uma Educação em Direitos Humanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória da Sociologia no Colégio Pedro II, Educação em Direitos Humanos, Ensino de Sociologia na Educação Básica, Trajetórias profissionais

Vitória Mendes: Quando o senhor nasceu e onde o senhor nasceu?

Lier Ferreira: Eu sou nascido na pequena e pacata cidade de Niterói no ano de 1969. Eu sou de 18 de novembro de 1969. Vivi em Niterói quarenta anos...

V.: Niterói é bem tranquilo, né? Como foi seu ambiente familiar?

L.: Eu sou nascido em Icaraí, que é um bairro de classe média alta, mas eu mesmo não sou um cara com uma origem de classe média alta. Então você está ali, em um bairro de classe média alta, com amigos, estudando e tal, bons colégios, mas sem exatamente participar, do ponto de vista familiar, dos problemas, né? Eu sou filho de mãe solteira, meu pai era alcólatra, então o ambiente familiar não era exatamente um ambiente de flores e proteção, em que pese o fato do apoio sempre sistemático, minha mãe trabalhando, provendo tudo que fosse absolutamente necessário; nunca tive qualquer carência no sentido alimentar, e educacional, e de saúde, enfim, mas também nunca sobrou para absolutamente nada assim de extra, né?

V: Você falou do âmbito educacional. O senhor lembra de onde estudou?

L: Eu estudei em várias escolas. Comecei a estudar numa escola infantil, que já não existe mais, o Betânia, que ficava ali na Rua Presidente Backer, em Icaraí, em um bairro muito perto da minha casa. Depois fui estudar em um colégio primário, que ainda existe e é muito tradicional lá, o Curso Marly Cury, da alfabetização até a quarta série. Entrei lá no antigo primeiro ano e, depois, essa escola era conveniada por um colégio muito tradicional na cidade, um colégio religioso, que é o Salesiano, que é

uma rede internacional de colégios do sistema Dom Bosco de ensino, sistema internacional, de padres vinculados à Igreja Católica, colégio que já em 1983 comemorou cem anos, então é um colégio que acompanha um pouco até o naipe histórico do Colégio Pedro II. Eu era, digamos assim, uma criança um pouco agitada. *Dizem* que eu arrumava muita confusão na escola. Então eu entro na escola em 1981, na antiga quinta série, atual sexto ano, e saio em 1983, na sétima série, atual oitavo ano. Saio porque fui convidado a me retirar [risos]. Aí eu vim estudar, em 1984, para refazer a sétima série, que eu tinha perdido, em um colégio que existe ainda hoje no Rio de Janeiro, mas já não mais com o mesmo brilho, que é o Colégio Curso Tamandaré, que era um colégio preparatório para as escolas militares. Como eu disse, *dizem* que eu era muito agitado, e aí minha mãe queria que eu entrasse para as escolas militares, porque na escola militar você ia *aprender a ser homem*. Não sei se deve ter algum curso lá específico para isso, não sei porque não entrei, mas estudei três anos no Tamandaré, aqui no Rio. Foi a primeira vez que eu saí de Niterói, minha vida era toda em Niterói, primeira vez que eu saí de Niterói para fazer alguma coisa permanente no Rio. Em 1984, 1985, 1986, eu estudo no colégio curso Tamandaré, do qual também sou convidado a me retirar em 1986. *Dizem* que eu era uma criança muito levada, que eu gostava de estapear os coleguinhos no colégio, essas lendas urbanas que as pessoas contam por aí. E aí voltei a estudar em Niterói e fui estudar em um colégio experimental, então era um projeto experimental, chamava-se Colégio Grafite, que era um colégio formado por alguns dos melhores professores que existiam em Niterói, de colégios tradicionais como Abel, que era do grupo La Salle, que era um grupo religioso, Colégio Salesiano, centro educacional [Instituto] GayLussac, enfim, foram as mais tradicionais, o grupo de professores fez esse colégio chamado Colégio Grafite... Era um colégio bem tranquilo, você não tinha uniforme, podia ir de chinelo, sabe, um negócio assim bem relaxado, mas que tinha uma baita de uma equipe de professores, principalmente professores que eram muito calejados nessa coisa de preparatório para os vestibulares, etc. Então lá no Grafite, por exemplo, no terceiro ano você não tinha mais aprovação e reprovação; você já entrava aprovado. Política da escola: já entrava aprovado. Se você chegou até ali, você já entrava aprovado, você ia terminar o ensino médio de qualquer jeito. E o grande sistema de avaliação era o vestibular, então, passando no vestibular, automaticamente tinha comprovado que de fato você tinha passado. Algo “congênere”, com as aspas mais que devidas, ocorre hoje com aluno que tem mais de dezoito anos, tira [a certificação] aí pelo ENEM, né?

V: Ainda mais ou menos nessa linha, dessa época do ensino médio, dessa época do vestibular, tem algum autor ou obra marcante, que o senhor se lembre até hoje?

L: Não, eu sempre gostei muito de ler, sempre gostei muito de ler. Ler sempre foi uma das minhas diversões! Claro que é diferente: ler é diferente de estudar. Ler é aquilo que você lê quando quer, a hora que quer, e *porque* quer. Você tem o domínio absoluto da tua vontade, você é o senhor do castelo de si mesmo. Claro que estudar é um elemento compulsório, que te obriga a métodos, regras, normas, horários, objetivos que não são traçados e predeterminados por você. Então, assim, eu lia desde gibi de heróis da TV, seria hoje essa linha da Marvel, gosto ainda hoje, até literatura. Então desde garoto eu sempre li muito. Então *Ulysses* do James Joyce, uma das obras inesquecíveis, *Os Irmãos Corso* do Alexandre Dumas, as obras clássicas da literatura brasileira, *O Cortiço* do Aluísio de Azevedo, essas obras sempre fizeram parte do meu horizonte formacional, intelectual, histórias fantásticas como *O Conde de Monte Cristo*, romances de cavalaria, elementos como o meio oeste americano, por exemplo, *Caçadores de Cavalos*, literatura russa, Dostoiévski, Maiakovski... Enfim, tudo isso...

V: Mas teve algum, assim, que marcou?

L: Todos esses. Todos esses livros estão aqui sendo puxados numa memória espontânea exatamente porque eram obras absolutamente marcantes, como *Os Irmãos Corso*, *O Vermelho e o Preto* de Stendhal, todas essas obras estão vindo aqui na memória porque foram e continuam sendo obras marcantes na minha trajetória pessoal, que não tem nada a ver diretamente com o *colégio* em si, mas evidentemente que passa por todo um conjunto referencial daquilo que a escola te oportuniza e aquilo que você busca pelos teus próprios meios.

V: O que fez você optar pelas Ciências Sociais e quando?

L: Fazendo uma menção a outro livro clássico da nossa formação, que é do Jean-Paul Sartre, *A Idade da Razão*, acho que desde que eu tomei pé de que o mundo era mundo e de que eu fazia parte dele de alguma forma, eu sabia que ou eu fazia alguma coisa vinculada às Letras ou que, se eu dependesse dos números, a minha vida seria miserável, porque eu nunca tive, continuo não tendo, nenhuma afeição aos números. Bem, se nós dividirmos o mundo entre *Números* e *Letras*, seria uma divisão primária, mas algo razoável, eu diria que eu tive que correr para o campo das Letras, até porque eu não tinha para onde ir, eu não era um ser híbrido que pudesse jogar minimamente com os números, só me sobravam as letras e eu razoavelmente ia bem nas letras. Jamais fui um aluno exemplar na trajetória escolar, mas sempre fui excelente aluno de algumas matérias, em particular Literatura, História e Geografia. História era, talvez, nesse tempo, a minha maior paixão, do ponto de vista que a gente pode chamar de uma paixão intelectual. E eu era tão bom aluno em História, e destacadamente sempre fui

um dos melhores alunos de História em todas as escolas em que estudei, então tinha uma pretensão, que depois eu reconheci imbecil, mas era uma pretensão juvenil, de que eu já conhecia História, mais ou menos naquele esquema Raul Seixas, “Eu sou astrônomo, e conheço a história do princípio ao fim”. De fato, aquela História que era ensinada na escola básica, eu realmente, entre aspas, mais uma vez com as aspas devidas, “conhecia do início ao fim”, então não fui fazer História e já nessa época eu militava no Movimento Secundarista, lá em Niterói. A gente no Colégio Grafite inclusive puxou a construção do grêmio, tinha muita relação com a AMES, que é a Associação Metropolitana de Estudantes Secundaristas, e por conta dessa militância política e nessa veia mais política, eu fui fazer Ciências Sociais na [Universidade Federal] Fluminense, onde eu fiz Ciências Sociais e depois Direito.

V: Então quando você começou a fazer Ciências Sociais, qual foi a primeira impressão que você teve? Primeiro semestre de faculdade, o que você esperava ver?

L: Eu quando terminei o Ensino Médio, passei no vestibular para a [Universidade Federal] Fluminense, acho que fiquei em segundo lugar no vestibular para Ciências Sociais na época, então fiquei cheio de moral em casa: de estudante problema, minha mãe sendo chamada na escola a cada semana, nunca com notícias boas, tendo sido convidado a me retirar de duas escolas, tinha passado no meu primeiro vestibular direto para a única instituição que eu tinha feito! Eu fiz *um* vestibular naquele momento, passei para aquela instituição, então tinha cem por cento de aproveitamento, o que me deixou numa posição muito confortável. Eu admito hoje que Ciências Sociais não é exatamente aquela relação candidato-vaga muito concorrida, mas eu estava lá, tinha feito, era o segundo colocado, então era lá uma posição confortável. Bem, por isso eu não fui ao primeiro mês de aulas, me dei ali uma prorrogação de férias. Eu não apareci nas aulas do primeiro mês. As aulas na época começavam em março, e eu resolvi não ir em março de 1989, que foi meu primeiro semestre na faculdade, primeiro semestre de 1989, meu primeiro semestre na universidade, lá na Universidade Federal Fluminense, e eu não fui. Aí um dia no início de abril eu falei “É, vou lá nessa faculdade ver qual é, já deve ter passado aquele negócio de trote” e eu não queria levar trote, então, enfim, tinha isso também. Aí eu cheguei lá, me informei e aí a primeira aula que eu assisti foi a aula de Estatística, e eu falei “meu projeto foi para o brejo”. Aí moda, média, mediana, desvio, falei “pô, fugi da matemática e a primeira aula caiu nela”, então já foi algo traumático. Saí de lá para o Instituto de Geociências, que era Geografia Humana e Econômica, outra disciplina do dia. Não foi exatamente aquela inauguração feliz. Mas, claro, depois, muito legal, as aulas de Política, Sociologia, Antropologia, História, essas disciplinas

fantásticas, muito legais, e ali eu realmente estava no meu ambiente, Filosofia, enfim, eu estava ali, já tinha me encontrado mais ou menos como ser humano.

V: E aí, assim, um pouco mais a frente, você escolheu um campo para aprofundamento?

L: Eu desde o começo da faculdade fui para fazer Política. Era para fazer Ciência Política, esse era o barato. Claro que, assim, eu sempre tive uma dedicação grande, por gosto próprio, de ler os clássicos, então, me reputo uma pessoa que conhece relativamente bem os clássicos nas Ciências Sociais, Sociologia, Antropologia e Política, essas leituras eu fiz de fato, que, diga-se de passagem, nem é tão comum assim, mesmo entre estudantes de Ciências Sociais, essas leituras básicas eu fiz todas, mas com um coração muito particular nos clássicos da Ciência Política, Teoria Política clássica, a chamada também de Teoria Política moderna, aquela que vai do Quattrocento com Maquiavel, *O Príncipe*, em 1513, até, dependendo da divisão que a gente trabalha, até Weber, com *Economia e Sociedade*, que é uma obra póstuma após 1920, quando falece o autor. Então essas obras eu li sempre com muito empenho, e depois influenciado em particular por um professor uruguaio, já falecido, que era radicado no Brasil e lecionava na [Universidade Federal] Fluminense, professor René Armand Dreifuss, fui trabalhar com integração regional e globalização, e foi minha primeira área de especialização.

C: O Dreifuss foi uma influência grande?

L.F.: É, o Dreifuss. René Armand Dreifuss. Foi meu professor em Sociologia IV, depois em outras matérias... O Dreifuss era um cara que de fato a gente tinha um diálogo muito bacana, e muito por influência dessas linhas de pesquisa dele com o Cone Sul, na época com o PACS, que era uma ONG, Políticas Alternativas para o Cone Sul, que ficava sediado ali na Lapa, eu fui trabalhar com integração regional e globalização, minha primeira área de especialização. A minha monografia de final de curso lá na Fluminense foi um dos primeiros trabalhos discentes a serem publicados pelo Caderno do ICHF, que é o Caderno do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, acho que essa publicação existe lá até hoje, e a minha monografia sobre a participação dos trabalhadores na formação do Mercosul foi publicada, e foi um dos meus primeiros trabalhos publicados.

V: O que fez você escolher ser professor, e quando você iniciou isso?

L: Me parece que quando você faz Ciências Sociais, ser professor e ser pesquisador é parte do teu horizonte, com as aspas devidas, “natural”. Quer dizer, na faculdade de Ciências Sociais você

vislumbra como mercado de trabalho basicamente a pesquisa e o magistério, lembrando que esses dois elementos não são dissociados, então começou a se pautar ali naquele momento. Estando naquele ambiente você é capturado de alguma forma por esse horizonte profissional. Eu não entro na faculdade com a perspectiva de ser professor, não, isso é projetado a partir daquela inserção como um caminho no horizonte possível.

V: Vem naturalmente...

L: *Naturalmente* é uma palavra, como eu acabei de falar, sempre que eu a utilizo, eu a utilizo com as aspas devidas, porque evidentemente não existe nada natural. Natural é o sol, é a chuva, é a vontade de ir ao banheiro. Escolhas não são naturais, escolhas são socialmente condicionadas na relação clássica indivíduo-sociedade. Mas evidente que você estar em um curso de Ciências Sociais te projeta para essa dimensão. Eu entro na faculdade querendo trabalhar com consultoria política, partidos políticos, eleições, cheguei a trabalhar com isso, como consultor de campanhas, construindo campanhas em Niterói, não convém falar o nome dos participantes, mas enfim, trabalhei com assessoria política, mas a volatilidade dessa relação não se encaixava nas minhas pretensões de vida, então essa lógica do magistério surge.

C: E o magistério na educação básica?

L: O magistério na educação básica é fruto de uma militância, aí já é diferente. Eu, desde que ingresso no curso de Ciências Sociais em 1989, me dirijo ao diretório acadêmico que é, como os grêmios estudantis, sempre um espaço em que braços novos são bem-vindos. E na época existia a campanha para a implantação da obrigatoriedade da Sociologia no ensino médio. Essa campanha era uma campanha nacional, mas que tinha, evidentemente, as inflexões regionais em cada estado. E a esse tempo “comandava”, entre aspas, “capitaneava” essa luta a Associação Profissional dos Sociólogos do Estado do Rio de Janeiro, a APSERJ. E eu, como estudante de graduação e na licenciatura – que eu acabei fazendo aquele modelo clássico, fiz as duas coisas concomitantes, entro para o bacharelado, mas passo a aderir também à licenciatura – vou fazendo concomitantemente a licenciatura e o bacharelado a partir de um certo momento na faculdade e, como desde antes de iniciar a licenciatura eu estava militando no diretório acadêmico, parte dessa militância era vinculada à luta pela implantação da obrigatoriedade da Sociologia no ensino médio, então eu participei organicamente dessa luta desde 1989, inclusive nos seus aspectos menos prosaicos, ou seja, a gente tanto fazia parte das discussões, debates, enfim, como corria de casa em casa pela cidade, eu, a velha Laurinda, a

Elinete, Rogério, Luiz Otávio, enfim, colegas em sala no curso de Ciências Sociais, pra colher assinaturas, um movimento que acabou redundando na presença da Sociologia na Constituição do Estado do Rio de Janeiro, a partir de 1990.

C: E nesse momento da militância o Santo Conterato é um professor com quem você tem muita interação?

L: Nesse momento existia um pequeno grupo de professores dentro do Departamento de Sociologia, né, Departamento de Ciências Sociais da UFF, que apoiava essa luta. Era o professor Sérgio, professora Maria Lúcia, professor Ronaldo Coutinho e o professor Santo Conterato, eram basicamente os professores... Professora Edna del Pomo também merece ser referenciada. Só esses. Eram esses cinco professores que apoiavam essa luta. Então eu participava dessa luta, tinha muito contato com esses professores em particular. Claro, com o Santo também. Santo à época era chefe do Departamento de Ciências Sociais, que era basicamente o departamento de Sociologia, porque Política fez um departamento próprio, e Antropologia também, então eles mantiveram o nome “Departamento de Ciências Sociais”, como era quando era unificado, mas na verdade era o Departamento de Sociologia na época. Então eu fazia parte dessa militância, fazia licenciatura, e naquele momento em que você se forma, você está ali um pouco sem saber o que fazer da vida. Então em determinado momento eu fiz um concurso para o CIEP, no Rio de Janeiro, passei também, fiquei em segundo lugar, mas não tive interesse em assumir, eu não tinha, de fato, essa perspectiva de ser professor da escola básica, mas quando houve o concurso de 1994 [no Colégio Pedro II], eu tinha uma namoradinha à época, e ela botou uma pilha para eu fazer o concurso, e eu não estava, assim, muito a fim, mas meio pilhado por ela, vim fazer. É claro que encontrei uma infinidade de colegas que tinham estudado comigo na Fluminense, que eram colegas de militância na UFRJ, na UERJ, enfim, ou que eram da militância lá da APSERJ, era uma imensa quantidade de pessoas fazendo o concurso, até porque já havia aproximadamente dez anos que o Pedro II não fazia concurso para professores. Confesso a vocês que recém-formado – eu tinha me formado, tinha fechado licenciatura em 1992, fechei o bacharelado em 1994, já estava desde 1993 no mestrado em Relações Internacionais na PUC, no Instituto de Relações Internacionais, por conta dessa vinculação que eu falei com vocês há pouco, de trabalhar com integração e globalização, o que me levou a um mestrado em Relações Internacionais, área na qual eu atuo ainda hoje tanto do ponto de vista acadêmico quanto do ponto de vista intelectual, com a tradução de textos, artigos, enfim, trabalhos acadêmicos das mais diversas naturezas – então eu acabei fazendo o concurso para o Colégio Pedro II em 1994 e esse concurso trouxe para a escola, na ordem de



colocação, o professor Felipe [Bon], que hoje é o atual chefe de departamento, a professora Fátima Ivone [de Oliveira Ferreira], que foi, anterior ao professor Felipe, também chefe de departamento, a professora Janecleide [Aguiar], que é professora, se não me engano, hoje em São Cristóvão, eu e o professor Jorge [Geraldo Brito], que depois saiu do colégio para ser sociólogo da Embratel. Então foi assim que eu entrei na educação básica. Eu tinha feito o concurso para o CIEP em 1992, se não me falha a memória, não tenho certeza, 1992, 1993, passei, mas não assumi. Em 1994 fiz o concurso para o Colégio Pedro II e assumi na virada de 1996 para 1997, ou seja, já há mais de vinte anos.

V: Você falou bastante sobre a militância. Como essa presença ativa nesses movimentos influenciou no seu método de trabalho como professor? O que isso te acrescentou dentro da sala de aula? O que você leva com você para a sala de aula desse movimento?

L: O espaço da militância é um espaço da interação, do conflito, da dialogia. É você perceber que as relações sociais são relações que, evidentemente, por um lado trabalham com cooperação, com transigência, e outra hora trabalham com conflitos, trabalham com tensões, e fazem parte da estrutura macro, e aí isso é próprio do cientista político, pensar sempre as relações de poder em seus mais diversos espaços. Isso a gente incorpora na prática docente. Sala de aula também é um espaço dialógico, também é um espaço em que cooperação e conflito estão presentes. A gente sabe que na vida fática o lúdico é um elemento, mas não existe ludismo o tempo todo - o lúdico, a presença ostensiva do lúdico o tempo todo. Ao contrário, existem obrigações, existem intenções, existem prazos, existem normas, existem regras, então essa percepção desse elemento dialógico vem para a sala de aula, pensar também a sala de aula como espaço dialógico onde elementos de cooperação e conflito se fazem presentes. Hoje, nesse exato instante vivemos uma relação plena de cooperação: vocês têm interesse nessa minha trajetória de alguma forma e eu tenho interesse em apoiar essas iniciativas de laboratórios porque faço parte estruturante delas, que surgem a partir de demandas dessa geração de professores, Felipe, Fátima, Jane, eu, Jorge, e outros que vieram posteriormente. Os laboratórios não surgem no Colégio Pedro II “naturalmente”, eles são frutos de demandas de professores, né? Eu me lembro que a professora Gloria [Aparecida Alves Vianna de Oliveira] era professora, era diretora da unidade Humaitá, excelente professora, excelente diretora da unidade Humaitá, era vinculada à área de literatura, estava reformando os laboratórios de Química e Física na unidade Humaitá e eu questionava: “professora, e os laboratórios de Humanidades? Não tem? Por que não tem laboratório de Humanidades?”. Estamos aqui agora, em uma atividade científica e cultural, vinculada dentro de um laboratório de humanidades, então existe uma *ciência* social, existe um conjunto de ciências que

nós podemos chamar de Ciências Humanas e Sociais, que estamos fazendo aqui, com as observações de praxe; é um trabalho de Ciências Sociais, um trabalho de Ciências Humanas, um trabalho de memória, um trabalho de registro, um trabalho de análise, um trabalho de história, um trabalho de reflexão curada sobre trajetórias, vivências, experiências, processos. Os laboratórios também não surgem do nada, eles são produtos de uma luta. Vocês vejam, essa militância, que no meu caso vem do Movimento Secundarista, na verdade, no meu caso particular ela vem desde o Tamandaré, como representante de turma, reivindicando laboratórios de Química e Física, reivindicando janelas nas salas de aula, depois passa pelo Movimento Secundarista, chega na universidade com a perspectiva mais orgânica de fazer parte de diretório, de fazer parte da Executiva Nacional de Estudantes de Ciências Sociais, de ter sido um dos organizadores viscerais do Encontro Nacional de Estudantes de Ciências Sociais, o ENECS, lá na USP em São Paulo em 1991, enfim, então tem toda uma lógica que parte dessa vivência, dessa experiência, dessa militância, que no meu caso começa no segundo segmento do ensino fundamental, perpassa o ensino médio, mas atinge uma maturidade, uma consistência, uma organicidade, uma incorporação ao cotidiano. A minha presença no curso de Ciências Sociais da UFF foi uma presença marcada ao mesmo tempo pela busca dos conhecimentos que ali estavam postos para os estudantes, pelas práticas de pesquisa e monitoria institucionalizadas dentro da universidade – eu fui bolsista do CNPQ durante dois anos na Faculdade de Educação, com um projeto sobre municipalização do ensino do primeiro grau, coordenado então pela professora doutora Delba Guaribi Lemos durante a maior parte, e finalmente, a parte final do projeto, pelo professor Rivo Gianinni de Araújo; tenho monitorias, fui monitor de Política I, fui monitor de Sociologia –, enfim, e também tenho a militância, então dentro da universidade eu vivi organicamente o curso de Ciências Sociais, todos os espaços: ensino, pesquisa, extensão, militância política, dentro ali do curso de Ciências Sociais em particular. Então, claro que esses elementos se refletem na tua vida, se refletem no teu trabalho, se refletem, evidentemente, no teu magistério.

V: Então, entrando no tópico de contribuições acadêmicas, contribuições escritas, e de trabalhos e publicações, o que você considera mais importante?

L: *Dizem* alguns que eu sou o maior currículo *lattes* do Colégio Pedro II. Não sei se é verdade porque eu não fico por aí fuxicando o *lattes* dos colegas, não por nada, porque eu não tenho tempo nem interesse. Mas, enfim, *dizem* que eu sou o maior currículo *lattes* do Colégio Pedro II. Eu tenho uma produção acadêmica muito grande. Minha vida profissional não se resume ao Colégio Pedro II, eu depois que estava já no mestrado eu fiz um novo vestibular, fiz um vestibular pra Direito, também

Direito na Fluminense, na UFF, e tenho hoje uma vida entrepartida entre a Sociologia e o Direito: às terças e quintas eu trabalho na escola, na escola básica; e segundas, quartas e sextas trabalho no ensino superior – sou professor do programa de mestrado e doutorado de Política e Relações Internacionais da Cândido Mendes, sou professor do IBMEC, nas faculdades de Direito e Relações Internacionais, e sou advogado, meu escritório inclusive fica aqui do lado, na Av. Passos, bem nesse edifício garagem que tem aqui do lado, fica ali meu escritório, da minha atuação como advogado – por essa atuação bipartida tanto na escola básica quanto no ensino superior, em particular, mas não exclusivamente por ser professor já há quase dez anos em programas [de pós-graduação] *stricto sensu*, e antes do programa de mestrado e doutorado em Política e Relações Internacionais da Cândido Mendes eu fui professor do programa de mestrado e doutorado em Direito na extinta Universidade Gama Filho, eu tenho uma produção muito grande. Então eu tenho algumas obras que eu tenho muito carinho, por exemplo, *Estado, Globalização e Integração Regional*, publicado pela América Jurídica em 2003, é o meu primeiro livro, meu primeiro livro solo, que é fruto da minha dissertação de mestrado lá no Instituto de Relações Internacionais da PUC do Rio de Janeiro. Uma outra obra que eu reputo, assim, importante, uma obra solo também, é uma obra que deriva da minha tese de doutorado, que é sobre petróleo e desenvolvimento, *Direito Internacional, Petróleo e Desenvolvimento* é o nome da obra, publicada pela Editora Saraiva. Falando, assim, um pouco da trajetória, eu sou licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela UFF, também sou bacharel em Direito pela UFF, sou mestre em Relações Internacionais pela PUC do Rio, sou doutor em Direito pela UERJ, e hoje faço pós-doutorado em Ciência Política na Universidade Federal Fluminense, mais uma vez, sob a orientação da professora Maria Antonieta Leopoldi, então a gente não para de estudar nunca. Estou avisando para vocês porque vocês também não deverão parar, o que é muito bom; quem ensina e fala para vocês estudarem tem que dar o exemplo, então quando eu digo para vocês estudarem eu tenho no mínimo autoridade moral para fazê-lo, porque eu continuo estudando aos quarenta e sete anos, já professor titular do Colégio Pedro II e eu continuo estudando, então se eu estudo, tenho autoridade moral para dizer para vocês “estudem também”. Então essas obras são importantes, e tem algumas obras, que não são vinculadas ao ensino superior, mas que eu acho que são obras importantes. Uma delas foi uma obra pela qual eu lutei durante quinze anos aqui dentro do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II, que é o *Sociologia em Movimento*, o livro de Sociologia com que vocês estudam no ensino médio. *Sociologia em Movimento* é um livro pelo qual eu lutei quixotesicamente, né, já que estamos falando, voltando às referências intelectuais, Cervantes também é uma delas. Eu lutei quixotesicamente aqui no

Departamento de Sociologia, em uma proposta fechada: eu queria que fosse uma obra coletiva, não uma obra solo, eu queria que fosse uma obra coletiva, feita por professores vinculados ao Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II. Eu confesso a vocês que depois de muitas tentativas infrutíferas e resistências homéricas de um departamento que é, em uma de suas contradições, ao mesmo tempo conservador e progressista, a gente conseguiu articular num grupo a partir do momento em que o grupo de 2007, 2008, ingressa. Nessa geração existia um professor que hoje continua trabalhando conosco lá no Campus Humaitá, o professor Afrânio [Oliveira Silva]. O professor Afrânio tinha sido professor substituto e emendou seu contrato de substituto com a sua entrada como professor efetivo. Ele trabalhou dois anos como professor substituto e, depois, no ano seguinte, ele entra como efetivo, então ele tem uma trajetória contínua na escola, que junta os dois anos dele como substituto com a entrada dele e a continuidade como professor efetivo. Como professor substituto, ele já tinha me visto nessa luta quixotesca de tentar mais uma vez reunir um grupo de professores para a construção desse projeto, que é o *Sociologia em Movimento* – já tinha até nome. E aí ele me bota uma pilha: “e aí, cara, e esse livro, vamos voltar a ele?”. Falei: “já, não aguento mais, a galera não quer fazer, não tem jeito, assume o compromisso e não cumpre, idas e vindas”. E ele: “não, vamos botar uma pilha, vamos ver se com uma nova geração de professores a gente consegue, coisa e tal”. E, de fato, foi aí que a gente conseguiu; colegas como o Marcelo Costa, que entra nesse concurso, Paula [Menezes], Tatiana [Bukowitz], que trabalha hoje aqui no Centro, professor Marcelo [Araújo], o outro Marcelo [Costa da Silva], o professor Raphael [Millet Camarda Corrêa], que é de Realengo, e professores mais antigos, professora Martha [Nogueira], professor Rogério [Lima]. Deram dezenove autores que se juntaram, alguns colegas inclusive tinham sido professores substitutos do Colégio Pedro II, como o professor Bruno Loureiro, por exemplo, professor Rodrigo Pain, que hoje é professor do CAP-UERJ. Juntou essa galera e a gente conseguiu construir o projeto, conseguimos que a Editora Moderna, uma das maiores editoras que atua na educação básica brasileira, abarcasse o projeto, então isso se torna um projeto fantástico, com uma aceitabilidade maravilhosa: foi o livro mais adotado no Brasil tanto no mercado público quanto no mercado privado desde seu lançamento, então a gente tem esse retorno muito positivo da comunidade escolar brasileira, em particular dessa comunidade epistêmica do ensino de Sociologia, da presença da Sociologia na escola básica. E uma outra obra que vocês do [ensino] fundamental também conhecem, que eu reputo máxima importância, que é o *Sociedade em Movimento*, que vocês estudam aqui também, que é um marco, importante registrar, um marco na educação brasileira. *Sociedade em Movimento* é a primeira, prestem atenção, é a primeira obra de Sociologia, de

Ciências Sociais, construída especificamente para o ensino fundamental! Então, embora, por exemplo, nós estejamos defasados no Colégio Pedro II, porque não temos a Sociologia, Ciências Sociais, no sexto ano atualmente – que é uma luta, nós temos que avançar nela – *Sociedade em Movimento* é um projeto que tem uma obra para o sexto ano, para o sétimo ano, para o oitavo ano e para o nono ano, e a base dessa obra, claro, não poderia deixar de ser, é o próprio currículo do Colégio Pedro II. Melhor a gente registrar, né? Há muitas décadas, muitas décadas, professores do Colégio Pedro II não são autores de obras gerais, didáticas, voltadas para o ensino de qualquer área do conhecimento. Existem obras muito específicas, de alguns professores, organização de livros de exercícios, coisa e tal, mas se a memória não me trai, desde que os professores José Luiz e Fernando Gewandszajder trabalharam com o livro de Biologia, já é um livro que tem algumas décadas, nenhum outro professor ou grupo de professores no Colégio Pedro II se aventurou mais pela seara da produção de materiais didáticos em nível nacional, obras gerais, disponibilizadas para o conjunto do público. Então, assim, esses quatro projetos, o *Estado, Globalização e Integração Regional* de 2003, *Direito Internacional, Petróleo e Desenvolvimento*, o primeiro pela América Jurídica e o segundo pela Saraiva, e os dois projetos voltados para a escola básica, o *Sociologia em Movimento* e o *Sociedade em Movimento*, ambos pela Editora Moderna, talvez sejam as minhas principais contribuições.

V: Então, só para finalizar, tem alguma informação que você acha que a gente não pescou aqui, que você queira acrescentar, que você acha que vai ser importante?

L: Acho que talvez uma questão, não sei se a gente já cumpriu todo o roteiro, enfim, mas de alguma forma acho que a grande questão que nós vivemos hoje são os desafios colocados pelo governo federal. Esses desafios estão postos em vários níveis, desde essa proposta cruel de uma reforma da previdência que praticamente proíbe o brasileiro pobre de se aposentar, que não ataca os privilégios e as distorções previdenciárias, mas que penaliza fundamentalmente os mais pobres, em particular os trabalhadores rurais, até questões de escopo, talvez – talvez, com as aspas devidas –, mais tópico, que é a questão, por exemplo, da reforma da educação, que dentre outros, extirpa a Sociologia e a Filosofia da escola básica, mais um vez. Então a gente está aí na iminência de termos a derrocada da obrigatoriedade do ensino de Sociologia e Filosofia, e evidente que junto às questões mais amplas da educação, são questões que merecem a atenção de todos: estudantes, profissionais, um conjunto mais amplo da sociedade, em particular os pais. Vejam bem, a proposta que está aprovada hoje, sancionada pelo presidente da República, aquela que foi votada no Congresso Nacional, apontam exatamente para este fato, Sociologia e Filosofia são extirpadas como disciplinas obrigatórias e volta aquela perspectiva que

já esteve presente na Lei de Diretrizes e Bases, que é a lei de 1996, em que existe apenas a obrigatoriedade de *conteúdos* de Sociologia e Filosofia. Evidente que nós poderíamos pensar, e talvez devêssemos fazer isso, o ensino mais amplo, ou seja, não tão disciplinarizado, mas por um lado, nós fomos formados disciplinarmente, quer dizer, professor, por exemplo, é formado disciplinarmente, é formado em História, em Geografia, em Sociologia, em Literatura, em Matemática, Química, Física, Biologia; sob certos aspectos, essa formação disciplinar em nível universitário é reproduzida dentro da lógica organizacional da escola, escola também é dividida disciplinarmente. Eu confesso a vocês que uma divisão temática em Humanas, Exatas e Biológicas, ou Biomédicas, é algo para mim muito agradável, muito palatável, muito dentro daquela lógica de quem se reconhece desde sempre como alguém de Humanas, e alguém que sofreu, verdadeiramente, com a obrigação de estudar Matemática, Química, Física, na escola. A escola teria sido um espaço bem menos violento para mim se essas matérias não me fossem exigidas no nível em que foram; nível, *para mim*, que sempre foi exacerbado, e cujas contribuições práticas para minha vida sempre foram pequenas. Claro que esse é um debate pedagógico que não se exaure aqui nesse momento, nem nós estamos fazendo o debate, mas ele é necessário. E de fato, uma das características mais negativas da atual reforma do ensino médio é que ela se dá a partir de um não-debate. Quer dizer, houve um não-debate, que foi aquilo que nos fez trabalhar contra a reforma, a reforma desce como um projeto oligárquico, elitista, de cima a baixo, que reflete uma visão, evidentemente legítima, mas *uma* visão presente no debate educacional brasileiro. Algumas matérias deixam de ser, entre aspas, “obrigatórias” no projeto, é claro que a definição virá agora com a BNCC [Base Nacional Comum Curricular], importante que se diga, mas a gente sabe que algumas matérias estão consolidadas na grade curricular. E falarmos em grade curricular não deixa de ser uma metáfora interessante, né? Grade é aquilo que nos aprisiona, não é aquilo que nos liberta, o que mostra que a educação ainda se pensa muito mais do ponto de vista castrador do que do ponto de vista libertador. A gente ainda se põe muito mais *under bars*, como diriam os ingleses, ou como diria Legião Urbana, “Ainda me lembro, aos três anos de idade, meu primeiro contato com as grades, meu primeiro dia na escola, como eu senti vontade de ir embora”. É isso.

Nicole: Qual, a seu ver, qual é o papel do ensino de Ciências Sociais na Educação em Direitos Humanos?

L: Olha o que nós estamos realizando nessa tarde, que é, como disse o [Carlos Eduardo] Oliva há pouco, o primeiro momento de um processo de investigação. Se a gente não tem a Sociologia dentro do currículo do Colégio Pedro II, e aí nós temos que reconhecer que essa foi uma conquista de uma

geração anterior à nossa – falo anterior ao Felipe, à Fátima, à Jane, a mim, ao Jorge –, da geração da professora Maria Lúcia Pandolfo, da geração da professora Ilda Crivelli, do professor Benjamin Marcos Lago, e outros, muitos dos quais inclusive já faleceram, que sob a direção do professor Wilson Choeri – diretor histórico desta escola, e gostem ou não do Choeri, o Choeri marca sua história dentro do Colégio Pedro II; não dá para falar do Colégio Pedro II sem passar pelo período em que o Choeri foi secretário de ensino, atual função que corresponde hoje à diretoria de ensino, e diretor do colégio, atual função de reitor, hoje ocupada por um de seus pupilos, que é o professor Oscar Halac – então foram, na verdade, esses professores, que ao tempo lecionavam OSPB [Organização Social e Política do Brasil] e Educação Moral e Cívica, toda uma geração de professores, muitos dos quais sequer eram formados em Ciências Sociais, eu diria que a maioria deles não – no tempo em que eu ingressei na escola tínhamos até professores formados em Biologia, pra você ver o balaião de gatos que era o departamento de Sociologia –, mas nós não estaríamos aqui nesse projeto de iniciação científica se nós não tivéssemos, por exemplo, a Sociologia dentro do Colégio Pedro II. Então essa realidade que se deu no Colégio Pedro II a partir da primeira metade dos anos noventa, ainda por iniciativa desse conjunto de professores e do professor Wilson Choeri, trouxe a Sociologia, *resgatou* a Sociologia como matéria obrigatória dentro do Colégio Pedro II, e ela hoje está consolidada dentro do Colégio Pedro II, não há, no horizonte visível, nenhum risco de que a Sociologia saia do Colégio Pedro II. Ela certamente sairá de uma infinidade de outras escolas, em particular escolas que atendem à perspectiva das camadas populares, escolas que atendem às classes ou camadas populares. Talvez, essa é uma hipótese, talvez permaneça em boa parte das escolas de elite, mas isso nós teremos que fazer uma pesquisa *a posteriori*. Por que é que eu estou enfatizando esse aspecto com muito carinho? Porque um dos horizontes possíveis, e para mim um dos mais factíveis, para a transformação da educação, uma das grandes opções que nós temos para transformar a educação de fato no Brasil – isso vale tanto para a escola básica quanto para o ensino superior, as graduações em seus mais diversos níveis (bacharelados, licenciaturas) – é a incorporação da prática de pesquisa ao cotidiano da escola. Quando eu digo para vocês que *Sociologia em Movimento* e *Sociedade em Movimento* são obras fundamentais na minha trajetória, que tem dezenas de obras entre livros meus, artigos, capítulos de livros publicados aqui e no exterior – agora em 2017 está saindo uma obra, um capítulo de livro, que eu fiz, sobre um tema de relações internacionais, que vai sair, por exemplo, pela Cambridge University Press – mas por que que eu não destaquei esta obra e destaque as obras do ensino fundamental e médio? Porque elas mostram duas coisas fundamentais a meu juízo particular: primeiro, *professor da escola básica tem que se ver*

*como produtor de conhecimento e não apenas como reprodutor de conhecimento.* Nesse sentido, por exemplo, *Sociologia em Movimento* é uma obra que tem capítulos que são absolutamente fundamentais e que não estão presentes na maior parte das outras obras do ensino médio. Querem ver? Um capítulo sobre raça, etnia e multiculturalismo, não é uma menção, não é um parágrafo, não é um box, é um capítulo inteiro, discutindo, por exemplo, a questão de raça, etnia e multiculturalismo. Temos um capítulo inteiro discutindo gênero e sexualidade, não é um parágrafo em um capítulo sobre movimentos sociais, como em geral você vai verificar nas outras obras que estão aprovadas aí pelo PNLD [Programa Nacional do Livro Didático], é um capítulo inteiro, e muito bem construído, com as críticas que lhe são passíveis, evidentemente. Mas um livro que foi aí achacado pelos Carecas do Subúrbio, por exemplo, que combateram a nossa obra e não sei se viram o Bolsonaro brandindo o nosso livro de Sociologia na Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, o deputado federal Jair Bolsonaro, aqui do Rio de Janeiro, brandindo a nossa obra como se fosse uma obra maldita no universo escolar brasileiro. Então você veja: é uma obra de ensino básico, uma obra do ensino médio, ensino básico, construída, do início ao fim, por professores da escola básica, e esta obra hoje é a primeira colocada no mercado público e privado no Brasil. Veja a importância da Sociologia para a questão dos Direitos Humanos: trazer, por exemplo, a perspectiva do professor de escola básica como produtor de conhecimento. Professor não pode se ver apenas como professor, ele tem que se ver como pesquisador, e um dos nichos formacionais a partir do qual você vai se pensar como professor e pesquisador, porque foi, ao meu tempo, como eu disse a vocês, uma formação concomitante, é exatamente a área de Ciências Sociais. Uma outra questão: em quantas escolas, em quantos espaços educacionais, ainda que não sejam escolas, nós temos por exemplo a presença de alunos do ensino médio e do ensino fundamental como *pesquisadores*, que é o trabalho que vocês estão fazendo *agora*, nesse momento? Já pensaram nisso, que vocês fazem parte de uma absoluta minoria de estudantes que atuam, no caso de vocês, atuam como *bolsistas* [de pesquisa de iniciação científica], ou seja, são *remunerados* pelo poder público? Assim como nós, professores, vocês são remunerados pelo poder público, cujo recurso advém de um público que não está dentro da escola, que não tem acesso à escola, então olha a responsabilidade de cada um de nós, nossa, como professores, e a de vocês, como estudantes-pesquisadores, não só estudantes, mas estudantes-pesquisadores. Então isso só é possível de ser construído, empiricamente no caso concreto do Colégio Pedro II, isso só pode ser construído partindo, por exemplo, da atuação da Sociologia. Então, assim, se você pensa na educação como parte dos Direitos Humanos fundamentais – e o que são Direitos Humanos fundamentais? São aqueles direitos



que estão incrustados nas tutelas constitucionais, como hoje na Constituição pátria promulgada em 1988, a Constituição de outubro de 1988 – então você veja, se a educação é um direito fundamental, um direito humano fundamental, nós avançamos dentro processo qualitativo fazendo com que professores e alunos da escola básica se pensem como *produtores* de conhecimento, e não apenas como *reprodutores* de conhecimento, é uma revolução! Os laboratórios de Humanidades, os laboratórios de Sociologia, os laboratórios de Direitos Humanos, representam a semente de uma revolução possível dentro do universo escolar brasileiro, no momento em que você rompe a dicotomia entre ensino e pesquisa, em que você rompe a lógica perversa sobre a qual nós nos referíamos no início da nossa fala, em que a escola básica reproduz de forma sumária e simplificada os elementos dinâmicos e complexos que são produzidos na universidade, que é o espaço próprio da pesquisa. E vejam a crueldade: hoje, de forma mais ampla, evidentemente, ressalvados os espaços das universidades públicas, estaduais e federais em sua grande maioria, nem as graduações [privadas] são predominantemente espaços de produção de conhecimento. A produção de conhecimento na universidade, em particular nas instituições não-públicas, fica restrita aos programas de [pós-graduação] *stricto sensu* – particularmente os programas de mestrado e doutorado. Então a gente inverte essa lógica, você transforma por exemplo, com *Sociologia em Movimento* e *Sociedade em Movimento*, professores da educação básica em autores de livros para a educação básica, e um autor de um livro para a educação básica tem que refletir sobre as práticas pedagógicas para a educação básica, então ele se torna concomitantemente um intelectual, um pesquisador da educação básica. Quando você espria a dinâmica da pesquisa para o ensino médio e o ensino fundamental, você torna o estudante parte do processo de produção de conhecimento, então você não tem um professor pesquisador, você tem um professor orientador de um processo de pesquisa que é construído *pari passu* por esses professores orientadores e pelos seus estudantes orientados, que interagem no processo de pesquisa. Nosso caso aqui é emblemático: o professor [Carlos Eduardo] Oliva, que acaba de voltar para esse espaço, esteve aqui no começo e está chegando aqui no processo derradeiro da pesquisa, ou desse nosso encontro, mas todo o processo que aqui vivenciamos hoje, com as suas mazelas e com as suas riquezas, foi tocado por vocês, foi capitaneado por vocês, vocês foram os sujeitos dinâmicos desse processo de pesquisa, encaminharam as questões que vocês tinham a me colocar, dentro de um horizonte previamente refletido, e vocês foram sujeitos dinâmicos da construção desse conhecimento, seja ele adjetivado proximamente como for: ridículo, desinteressante, brilhante, edificante, já não importa mais, porque evidentemente nem todos serão brilhantes o tempo todo, mas até para você brilhar em

algum momento, você tem que ter uma primeira oportunidade, quer dizer, não existe brilho sem oportunidade de brilhar, quer dizer, então se você não tem a possibilidade de atuar na pesquisa, você não tem oportunidade de se ver como pesquisador, e eventualmente se tornar um grande pesquisador. Então acho que quando você traz a dinâmica da Sociologia, onde o seu elemento formacional, do ensino à pesquisa, são elementos que estão na base do processo, e vocês se lembram quando eu falava para vocês: a gente fez parte de uma geração onde a formação de licenciado vinha consorciada com a formação do bacharelado, o que tá diferente hoje; hoje você tem, por exemplo, na UFRJ, formação separada, formação em licenciatura é uma formação, e a formação em bacharelado é outra, onde o licenciado em Sociologia tem uma formação teórica menos consistente que a do bacharel, e essa é uma crítica, evidentemente, que tem que estar aí, manifesta, publicizada, nessa cisão posterior que é contrária à lógica que nós construímos na dinâmica do movimento social, do movimento estudantil lá entre os anos 1980 e 1990, mas está aí posta de uma outra forma, dentro de uma lógica de fragmentação – vocês sabem também que as Ciências Sociais vêm se fragmentando, os cursos de Ciências Sociais são cada vez mais cursos de Sociologia, de Antropologia e de Ciência Política, perdendo esse viés mais integrado, original. Então a história da UFF é emblemática, o que era o Departamento de Ciências Sociais se torna o Departamento de Ciências Sociais e Metodologia de Pesquisa, com o Departamento de Política e de Antropologia, depois cada departamento vai fazer seu programa de mestrado, isso na Fluminense, e depois, a partir daí, esses programas vão se fragmentando, hoje você tem programas isolados em cada uma dessas áreas e os departamentos vão a partir daí criando as suas graduações – a tendência, cada vez mais, é que você tenha graduação em Política, graduação em Antropologia, graduação em Sociologia, em um processo de fragmentação. E aqui, a gente consegue [resistir], dentro dessa perspectiva mais ampla da Sociologia, embora nossa bandeira seja a Sociologia no ensino médio, *a Sociologia no ensino médio é essencialmente o ensino de Ciências Sociais no ensino médio*, porque ela trabalha concomitantemente com Sociologia, com Antropologia e com Ciência Política, a gente trabalha com esses conteúdos indistintamente, em um aspecto generalista mais amplo. Então acho que a grande contribuição é essa, é você transformar o professor da escola básica em professor pesquisador, isso tem muito a ver com o trabalho que a gente faz hoje também no Programa de Residência Docente, que é um programa que o [Carlos Eduardo] Oliva, que a Silzane [Carneiro], aqui no Centro conhecem bem, vêm participando conosco de alguma forma nos últimos anos, o trabalho da residência é um trabalho muito legal, principalmente aí no campo da Sociologia, nesse ensino voltado aos Direitos Humanos, mas acho que esse resgate é fundamental, transformar os professores em professores-

pesquisadores e produtores de conhecimento, portanto, e os alunos em alunos-pesquisadores, em produtores de conhecimento, responsáveis pelos seus processos de ensino-aprendizagem, da pesquisa também.

N: Obrigada.

V: Vocês querem fazer mais alguma pergunta, o professor quer colocar mais alguma questão?  
Obrigada pela sua participação!

L: Estamos aí à disposição de vocês; a agenda é sempre um pouco complicada, porque a gente tem um conjunto amplo de atividades fora da escola, eu não sou professor DE [Dedicação Exclusiva], mas sempre que vocês precisarem, com as restrições de praxe, de agenda, estamos à disposição de vocês aí, valeu? Abração, gente!